

ALADI/CR/Ata 724  
Extraordinária e Solene  
10 de fevereiro de 2000  
Hora: 11h 30m às 12h 30m

### ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, Doutor Julio María Sanguinetti.

---

Preside:

Gustavo Iruegas Evaristo

Assistem: Noemí Gómez, Gustavo Vivacqua, Julia Adriana Gabriela Pan e Jorge Alberto Ruiz (Argentina), Mario Lea Plaza Torri (Bolívia), José Artur Denot Medeiros, Afonso José Sena Cardoso, Eduardo Paes Sabóia e Marcelo Baumbach (Brasil), Augusto Bermúdez Arancibia, Lilia Rodríguez Pizarro e María Antonieta Jara (Chile), Fabio Emel Pedraza (Colômbia), Miguel Martínez Ramil e Fidel Ortega Pérez (Cuba), José Rafael Serrano Herrera e Carlos Santos Repetto (Equador), Gustavo Iruegas Evaristo, José Luis Solís e Julio Lampell Adler (México), Gloria Irma Amarilla Acosta (Paraguai), Carlos Higuera Ramos, José Eduardo Chávarri García e Ricardo B. Romero Magni (Peru), Jorge Rodolfo Tálce, José Roberto Muinel e Elizabeth Moretti (Uruguai), Rubén Pacheco e Yaritza C. Barbosa (Venezuela), María Eugenia Quesada Fonseca (Costa Rica), Gustavo Fernando Abadía Castellanos (Guatemala) Luis Ramón Ortiz (Honduras), Vasile Macovei (Romênia) e Eugeny Astakhov (Rússia).

Comitiva Presidencial: Didier Operti, Ministro das Relações Exteriores, e Benito Stern, Ministro de Turismo.

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas Penso.

Secretário-Geral Adjunto: Leonardo F. Mejía .

---

PRESIDENTE. Está aberta a sessão.

Estamos reunidos hoje em Sessão Extraordinária e Solene para receber o Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, Doutor Julio María Sanguinetti.

Senhor Presidente, Senhor Ministro das Relações Exteriores, autoridades nacionais presentes, senhores convidados especiais, Senhores Representantes, Senhor Secretário-Geral, Senhor Secretário-Geral Adjunto, Senhores Embaixadores, senhoras e senhores, dificilmente haveria uma circunstância em que pudéssemos usar de forma mais atinada a conhecida expressão que usamos os mexicanos para dar as boas-vindas a nossos visitantes, que nesta ocasião aproveito para dizê-la a Vossa Excelência, com toda a profundidade de seu significado: Senhor Presidente, esta é a sua casa.

Temos a honra de contar com a presença de Vossa Excelência. Não é a primeira vez que temos o privilégio de sua visita e o benefício de sua ilustração. Não é para surpreender-se, sendo Montevidéu sede de três importantes instâncias da conjunção, e capital da integração latino-americana e Vossa Excelência é destacado entre seus campeões. Isso nos satisfaz e nos alegra.

Por ocasião do décimo quinto aniversário da ALADI Vossa Excelência manifestava que: "... o esforço da integração tem sido permanentemente uma dialética entre uma aspiração longamente acariciada e uma realidade tenazmente fragmentária. E –continuo citando- “Os últimos anos nos fazem conceber novamente o otimismo na medida em que os fatos vão mostrando o avanço destas realidades: aquilo que foi um sonho foi tornando-se uma realidade, o que tantas vezes sentimos como impossível, hoje vemos em andamento; em andamento e em mudança.

Há dez anos, em 1985, dizia-nos que com o ano dois mil à vista poderíamos dizer que os sonhos e anseios, unidade de nossos libertadores, poderiam ter correspondência com o máximo de nossa vontade.

Nossa Secretaria-Geral nos adianta uma análise da evolução do processo de integração em 1999, no qual nos informa que: "... embora a crise sofrida pela região tivesse efeitos diretos sobre a dinâmica da integração e fizesse surgir dificuldades no interior dos acordos já existentes e dificultasse a negociação de novos acordos, não debilitou a vontade política de avançar na integração regional.”

Embora a vontade não nos falte, e sem dúvida há progressos, já estamos no ano dois mil e a ALADI faz vinte anos, a idade de sua predecessora, ALALC, quando foi reconstituída. Pareceria que a oportunidade induz à meditação.

Nesta ocasião, Senhor Presidente, estamos reunidos para saudar Vossa Excelência por ocasião de seu final pleno de êxitos de sua segunda gestão como Presidente da República Oriental do Uruguai e para agradecer-lhe suas valiosas contribuições para a causa da integração latino-americana, da qual o reconhecemos como um verdadeiro militante. Esse é nosso propósito principal ao reunir-nos solenemente com Vossa Excelência nesta manhã.

Não obstante, não posso deixar de mencionar que também nos motiva o interesse de estimular, novamente, a reflexão de Vossa Excelência sobre o velho sonho que tem esta organização como mandato –nada menos- que realizar.

A Vossa Excelência e sua honorável família desejamos ventura e prosperidade e para o Uruguai, um futuro de bonança e segurança que seu povo e seu Governo lavraram. Muito obrigado.

- Aplausos.

Tem a palavra o Senhor Embaixador Juan Francisco Rojas Penso, Secretário-Geral da Associação Latino-Americana de Integração.

SECRETÁRIO-GERAL. Muito obrigado. Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, Senhor Presidente e demais membros do Comitê de Representantes, Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai, membros da Comitativa Presidencial, Senhores Representantes dos países-membros e Organismos Observadores, honorável Corpo Diplomático, Senhor Secretário-Geral Adjunto e demais funcionários da Secretaria-Geral, convidados especiais, senhoras e senhores, novamente nossa casa se engalana para receber o Primeiro Mandatário do país sede em data próxima ao final de seu segundo período de gestão governamental, coincidindo com o início de nossas comemorações do Vigésimo Aniversário da subscrição do Tratado de Montevideu 1980, Carta Magna de nossa Associação, e dos primeiros quarenta anos de esforços integracionistas em nossa região.

Há quatro décadas, nesta mesma cidade, começavam a adquirir vida as idéias que nos irradiavam desde o centro do pensamento do desenvolvimento latino-americano e que germinavam em um contexto de diversidade política, econômica e social que, com o tempo, foi transformando-se e o fez de tal forma que nos encontramos com um processo, ainda em desenvolvimento, mas que foi capaz de superar as recorrentes crises de diversa natureza na qual evolui a América Latina.

Essa permanente convivência com as crises foi, talvez, o melhor dos estímulos para atrever-nos, não só a desafiá-las, mas ainda, a revertê-las e usá-las como fonte de inspiração para interpretar e adequar-nos às novas realidades que dia a dia devemos enfrentar. Foi assim que no sétimo ano do início do processo de integração assistimos e hoje celebramos o surgimento da sub-regionalização que finalmente seria o germe da radical mudança conceitual que se refletiu em toda sua extensão no Tratado que há quase vinte anos rege nosso caminho integracionista.

É precisamente que, com base nesse mesmo Tratado, hoje podemos mostrar um processo de integração que explica, em grande medida, o diversificado e persistente crescimento das relações entre as sociedades dos doze países que lutam por seu desenvolvimento e por sua integração no âmbito de nossa Associação. A diversificação dessas inter-relações é, portanto, a melhor manifestação do significado político que progressivamente foi adquirindo a integração que levam a cabo os países-membros da ALADI.

Nessa concepção, é que tem maior relevância a ativa participação dos primeiros dignatários dos países que, por cima das vicissitudes conjunturais pelas quais atravessou e atravessará nossa integração, impuseram o ritmo e o caráter de irreversibilidade que alcançou o processo. Fomos testemunhas dos esforços que Vossa Excelência empenhou nesse sentido com grande determinação.

Lembramos as palavras que Vossa Excelência pronunciou na sessão de abertura da Reunião do Conselho de Ministros, nosso órgão máximo, em novembro de 1998, nesta mesma sala, que motivaram a reflexão sobre o papel que desempenha e deve

desempenhar nossa Associação e que Vossa Excelência caracterizava então como "... lugar onde a articulação política e jurídica deve continuar produzindo as normas necessárias para que tudo isto que vai desenvolvendo-se desde as sub-regiões não se desarme, tenha um conceito de unidade e continue aproximando-nos progressivamente... Mas, olhando sobre aquilo que já temos podido fazer, sabendo que é nosso dever continuar usando este instrumento e esta ferramenta para as novas etapas de construção que se avistam. Para nós, como dirigentes deste órgão técnico, é nosso dever preparar-nos para continuar atendendo cabalmente a essa demanda à qual Vossa Excelência aludia.

Senhor Presidente, quando agora o homenageamos e despedimos, não podemos menos que agradecer todo o apoio que tanto Vossa Excelência como seu Governo concederam ao processo de integração em todas suas facetas e lembrar, entre muitos outros, seu empenho por chegar a um acordo cultural entre nossos países e que agora temos o privilégio de vê-lo funcionar dia a dia.

Senhor Presidente, em nome da Secretaria-Geral devo fazer constar nosso agradecimento pela estreita cooperação com que Vossa Excelência e seu Governo nos distinguiram e permita-me citar as palavras que lhe escutei dizer pouco tempo depois de minha chegada ao Uruguai: "... vou embora, mas não lhes digo adeus...". Também nós o dizemos e aqui, nesta sua Casa, esperamos e receberemos Vossa Excelência como são recebidos os homens que fazem parte da história viva de nossa América Latina. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Tem a palavra o Excelentíssimo Senhor Presidente Dr. Julio María Sanguinetti.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI ( Dr. Julio María Sanguinetti). Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Senhor Secretário-Geral, Senhores Representantes, agradeço sobretudo a amabilidade, a generosidade com que Vossas Excelências me honram nesta manhã, no final de nosso segundo mandato no exercício da Presidência da República Oriental do Uruguai.

Tomo esse gesto como expressão de amistosa atitude, que valoro, que agradeço, mas, ao mesmo tempo, como um reconhecimento do que tem sido o esforço permanente do Uruguai na causa integracionista da América Latina, que não só me envolve a mim e os dois Governos que tive a honra de presidir, senão toda nossa República, que além de matizes e de diferenças políticas teve sempre, neste esforço integracionista, uma área de coincidência quase unânime.

Vossas Excelências citaram muitas das palavras ditas por mim em ocasiões anteriores, e elas, de algum modo resumem o que tem sido nossa convicção sobre o destino desta Associação e sobre o novo papel que devia cumprir nestes tempos, nos quais a sub-regionalidade poderia aparecer, *em uma leitura simplista, como enfrentada ou confrontada ao que era o esforço* que representava a Associação Latino-Americana de Integração.

Hoje, mais do que nunca, quando vemos o mundo com a perspectiva atual, devemos reincidir nessa idéia e nesse conceito. Não é a integração um fenômeno monolítico, unidirecional, que transita por um único caminho. É uma ágora à qual devemos chegar por caminhos convergentes. Não é este um fenômeno oposto a outros esforços de integração.

A revolução científico-tecnológica que temos vivido nas últimas três décadas nos colocou diante do chamado fenômeno da globalização, particular, característico, que compartilha com outros fenômenos de globalização da história alguma de suas peculiaridades, que, não obstante distingue-se de outros por caracteres diferentes.

Os fenômenos de globalização anteriores, o de há quinhentos anos, o Renascimento – que deu também revelação a nosso continente americano como parte desse fenômeno de globalização na busca dos caminhos universais do comércio-, mais tarde o projeto de globalização que emana da revolução industrial britânica e que expande o fenômeno industrial e a produção em série pelo mundo, geram, indubitavelmente, momentos históricos nos quais a substância disso que hoje chamamos globalização é a internacionalização. Ou seja, a irrupção de fenômenos que, além das fronteiras nacionais, devêm como processos comuns. Isso é basicamente uma globalização.

A atual tem com as anteriores a diferença notável de que não emana do projeto político de nenhum Estado. Assim como a grande globalização do final do Século XV e início do Século XVI foi um projeto concebido desde a Espanha e Portugal para a busca dos caminhos do comércio entre Ocidente e Oriente. Foram projetos nacionais.

O que foi a expansão industrial britânica, sob o reinado de Vitória, sem dúvida foi também um projeto que esteve dirigido desde um Estado. Desde Europa foi projetado, planejado e dirigido para o mundo sobre a base de uma associação muito particular, que se deu naquele momento, entre o que era a armada inglesa –a maior expressão de poderio militar da época- a diplomacia inglesa, também então predominante, e a indústria britânica que começava esse forte processo que também se tinha iniciado como um fenômeno tecnológico e como um fenômeno científico.

Tudo sempre partiu daí, das mudanças científicas e tecnológicas. E, depois na sua tradição política.

Esta globalização, contudo, não emana de nenhum Estado nem como um projeto nacional. É um fenômeno que emerge além da vida política. Diria que inclusive até escurecido pela vida política, já que os últimos resquícios do que foi a guerra fria –à qual podemos pôr um ponto final simbólico com a queda do muro de Berlim, em 89 – escondia de algum modo este processo que ia acontecendo, a partir do qual se nos foi revelado.

Ou seja que, superada aquela dicotomia política que parecia submergir tudo, fica-nos patente que estávamos em um mundo diferente: no qual o computador, o satélite, o “microchips”, a biogenética tinham mudado as características dos modos de produzir, dos modos de comerciar e ainda, praticamente, dos modos de viver ou de conviver dos humanos.

Esse fenômeno irrompe além das fronteiras, irrompe além das nações e além do projeto política de qualquer Estado.

Os Estados Unidos aparecem, sem dúvida, como a grande potência militar, hegemônica, a que tem a única capacidade de decisão ou de arbitragem militar; foi demonstrado nos últimos episódios da Iugoslávia. No entanto, a Europa mostra um poderio ou uma dimensão análoga e uma capacidade de investigação científica pelo menos comparável. No outro extremo, o Japão continua mostrando sua dinâmica, e emerge a China como uma nova grande potência de equilíbrio.

E toda esta globalização, de onde provém?. Provém dos laboratórios, provém das empresas, provém das universidades, provém, às vezes, dos Estados, mas não é assumida, em definitivo, como um projeto que alguém desenhou, como um projeto de expansão específico. Tanto é assim que o próprio Estado norte-americano hoje litiga com seu principal empresário porque sente que é uma ameaça para sua expansão. E esse episódio aparentemente trivial, testemunha que não é isto um projeto que tenha emanado de uma única cabeça e de um único Estado, senão que, pelo contrário, foi resultado de uma revolução científica que se projetou depois em empresas, laboratórios, organizações, forças que geraram processos que surpreenderam o próprio Estado. E hoje todos os Estados vivem esta perplexidade entre conviver com suas legislações e estes novos episódios que lhes mudam o horizonte em praticamente todos os terrenos.

Esta globalização deixa, então, sem efeito e clausura o Estado nacional como manifestaram alguns? Há muita literatura sobre isto; há livros inclusive muito conhecidos, um, do japonês Kenichi Ohmae, que precisamente se intitula: "O fim do Estado-Nação". Há toda uma abundante literatura sobre isto. Acho que são conclusões apressadas e não creio que seja assim. Os movimentos do mundo mostram que há ações e reações. E algumas, infelizmente, até atávicas e irracionais. Bastam as reações racistas, como são a sobrevivência das expressões que considerávamos superadas. E, às vezes, vemo-lo no mero terreno étnico, como há poucos dias líamos com relação à Espanha, na qual em uma zona desse país houve um enfrentamento étnico muito violento entre espanhóis de origem ibérica e espanhóis de origem muçulmana ou imigrantes muçulmanos, expressão do que é a sobrevivência desses preconceitos ou, como vemos no mundo político, quando aparecem partidos neonazistas, por exemplo, no mundo que representam de algum modo o ressurgimento de idéias, preconceitos que considerávamos definitivamente superados.

Isso, que nos está dizendo? Que no espaço do Estado-nação surgem às vezes ainda essas correntes ocultas.

Mas, o mais importante é isto: que este mundo de globalização requer de uma arquitetura, e a arquitetura será feita pelos Estados nacionais. Não nos imaginemos que a organização internacional por si mesma construirá seu próprio espaço. São os Estados nacionais ou os Estados em geral, para não continuar com essa expressão um pouco equívoca de Estados nacionais que têm cunhado no direito público francês e depois todos repetimos e não é tão assim porque há bastantes Estados multinacionais ou pelo menos multiétnicos que levam à confusão. O Estado, em definitivo, será o criador dos processos de globalização e dos processos de regionalização que também não desaparecem.

Creio, inclusive, que a universalidade do mercado fortalece cada dia o papel do Estado. Adam Smith, o fundador do pensamento liberal econômico, que não o baseia desde a economia, mas da moral, advertia-nos nesse sentido em seu célebre tratado sobre "A riqueza das nações". E, em definitivo, advertia-nos que, sendo cada empresário, não um fanático da concorrência, mas um monopolista em potência, somente o Estado podia garantir a regra da concorrência. Desta forma, o livre mercado nunca estará nas mãos do próprio mercado; somente o Estado poderá garantir o livre mercado. E embora não seja esse papel regulador, está a nos demonstrar até que ponto o Estado nacional assume hoje funções novas na segurança do próprio mercado. Os próprios países que fizeram processos de privatização muito profundos, entregando serviços públicos que historicamente tinham estado na área pública, hoje esses Estados devem recobrar o imenso poder de regular agora essas atividades que, sendo públicas por natureza, são privadas por propriedade e, por conseguinte, reguladas necessariamente por aquele que representa o bem coletivo e a aspiração da sociedade, que é o Estado. Acontece que é outro Estado; já não é o Estado produtor e sim o Estado regulador. Sem ele, tampouco há

mercado livre. Eu diria que com um Estado fraco certamente não haverá mercado livre e sim um mercado monopolizado ou oligopolizado.

Então, encontramos-nos com um Estado que hoje muda, revigora suas funções, mas tem necessidade de contar com uma forte presença. Esse Estado é o que deve ir reconstruindo estas novas instituições para este novo tempo. Tudo isso passa por instituições regionais indiscutíveis: a experiência andina, a experiência centro-americana, a experiência do MERCOSUL. Todas, diria eu, experiências irreversíveis. E não como grupos fechados, mas como fenômenos de integração que convergem com os outros. A partir daí surgem as relações com as diversas regiões e Estados nacionais: a integração latino-americana, que passa a ser outra força que se soma à anterior.

A partir daí, as relações da América Latina toda com o hemisfério norte; daí a aspiração da ALCA, projeto no qual todos estamos envolvidos e ao qual aspiramos contribuir. A partir daí, a Organização Mundial do Comércio como propósito e projeto político de uma liberalização comercial geral que nos vá unindo. São projetos convergentes, não necessariamente idênticos. Quando se fala da ALCA se fala de uma liberalização comercial. Quando falamos do MERCOSUL falamos de um processo de integração político, cultural, muito mais profundo, variado e complexo, mas, em definitivo, linhas convergentes apontam para um mundo no qual o comércio possa ser mais livre, mais transparente e, portanto, mais equitativo; para um mundo no qual possamos pôr as bases de um clima de entendimento e de paz muito mais profundamente concebidos e firmes que hoje, um mundo no qual ao mesmo tempo a vigência dos Direitos Humanos não seja simplesmente uma expressão das Cartas, mas uma realidade socialmente vivida pelo universo todo, um mundo no qual possamos fazer com que essa revolução científica e tecnológica seja um instrumento a serviço do bem-estar da Humanidade e não, como o aprendiz de feiticeiro uma força que adquire vigor próprio e que depois termina por nos escravizar com sua atração; em uma palavra, o famoso debate filosófico sobre a moralidade da ciência. Ou seja, a união das forças, que somos os humanos, com nossos valores, com nossos princípios e com nossas normas que devemos regular, fixar em seus limites e pô-las a serviço da Humanidade, da qual emanaram e à qual devem servir.

Neste panorama, que pode parecer tão vago em sua universalidade, vemos - entretanto, claramente nosso papel: o papel do Estado como organizador das sociedades; o papel dos processos sub-regionais, como o que constitui a vértebra inicial; o papel dos processos continentais, como este, para, por sua vez, vertebrar não só Estados, mas a sociedade e, notadamente, afirmar algo que mais do que nunca é fundamental hoje: as identidades culturais.

Da mesma forma como a América Latina se enriquece com as contribuições da cultura afro-americana, indo-americana ou euro-americana e se enriquece com essa diversidade, também tem uma homogeneidade que nos tem caracterizado. E ela, em um mundo mais do que global, deve continuar convocando-nos, deve continuar desafiando-nos, provocando-nos, para que, além de cidadãos do mundo, continuemos sendo cidadãos da América, cidadãos de nossa América-Latina, bons cidadãos de nossas nações. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Presidente Sanguinetti.

Recebemos com interesse sua mensagem, que consideramos uma valiosa contribuição para melhor compreendermos nossas atividades. Muito obrigado.

Desejaríamos agora oferecer a Vossa Excelência um modesto presente que sirva como lembrança desta ocasião em que fomos honrados com sua presença.

- O Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Embaixador Gustavo Iruegas Evaristo, dá como presente e lembrança uma bandeja ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, Doutor Julio María Sanguinetti.

- Aplausos.

... Convidamos todos os presentes a apreciar um interessante obséquo do Senhor Presidente a nossa Associação.

Muito obrigado por sua presença.

Encerra-se a sessão.

---